



A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUIS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

UNIVERSIDADE ABERTA | LISBOA 2024

TÍTULO

*A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO.
ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES*

CAPA

"Alegoria da História", alusiva à Academia Real da História Portuguesa. Gravura sobre cobre de Pedro de Rochemont, Lisboa, 1739. Reprodução de exemplar do original setecentista. Coleção particular.

EDITORES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR

EDITOR

UNIVERSIDADE ABERTA

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 29

PRODUÇÃO

SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DIGITAL

ISBN: 978-972-674-977-6

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.34627/UAB.CC.29](https://doi.org/10.34627/UAB.CC.29)

ANO: 2024

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-ND

De acordo com os seguintes termos:

Atribuição - Uso Não-Comercial - Proibição de realização de Obras Derivadas.

Os artigos publicados neste volume são da inteira responsabilidade dos seus autores, incluindo o uso do Acordo Ortográfico de 1990.

RESUMO

Este livro de homenagem congrega estudos de vários docentes da Universidade Aberta, bem como de outras instituições, maioritariamente da área científica da História, com um enquadramento cronológico alargado que se estende da Pré-História à Contemporaneidade. Pretende-se assim prestar tributo ao percurso académico e profissional da Professora Maria José Ferro Tavares, ilustre medievalista, especialista no estudo dos Judeus em Portugal, e antiga Reitora da Universidade Aberta.

Palavra-chave: Maria José Ferro Tavares; História; Homenagem.

ABSTRACT:

This tribute book brings together studies by several teachers from Universidade Aberta, as well as other Portuguese institutions, mostly from the scientific area of History, with a broad chronological focus that extends from Pre-History to Contemporary times, as a form of recognized tribute to the academic and professional trajectory of Professor Maria José Ferro Tavares, illustrious medievalist, specialist in Jewish studies in Portugal, and former Rector of the Open University.

Keywords: Maria José Ferro Tavares; History; Homage.

Palavras Prévias

Apresentação

Curriculum Vitae de Maria José Pimenta Ferro Tavares

- 1. Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara**
O caminho da História: Um diálogo com Maria José Ferro Tavares
- 2. Filipe Themudo Barata**
Memórias da orientação de um investigador
- 3. Maria do Rosário Themudo Barata Cruz**
A Maria José Pimenta Ferro Tavares, com afectuoso abraço
- 4. Rui Mataloto e João Luís Cardoso**
As antas, marcadores simbólicos das paisagens e dos territórios medievais
- 5. Francisco Caramelo**
Um diálogo entre Assurbanípal e Nabû: tradução e algumas nótulas
- 6. Bernardo Vasconcelos e Sousa**
Nobreza Medieval Portuguesa – Dos conceitos e do seu uso historiográfico
- 7. Isabel Maria Barros Dias**
Reis, elites e judeus: estereótipos e didatismo historiográfico
- 8. Maria Filomena Andrade**
A rainha Isabel de Portugal: o poder, a vontade e a misericórdia
- 9. Manuela Santos Silva**
Judeus e mouros na proximidade das rainhas medievais de Portugal: contactos, serviço e antagonismos
- 10. Luís Miguel Duarte**
“Delles proves, delles mortos”. A mobilidade social no termo do Porto, segundo o Livro da Abertura da Rua Nova de 1438
- 11. Saul António Gomes**
Isaac Abravanel: breves elementos para a sua biografia
- 12. Julieta Araújo**
A família e as legitimações na chancelaria de D. Afonso V. Alguns exemplos
- 13. Carlos Carreto**
O *real* e as suas dobras. Notas sobre o maravilhoso na literatura medieval
- 14. Nunziatella Alessandrini**
Uma viagem pelas quintas italianas em Portugal no século XVI
- 15. Ana Isabel Buescu**
Poder, diplomacia e circulação cultural no século XVI
- 16. Ana Paula Avelar**
A “Fortuna” como signo de um discurso imperial no Portugal do século XVI

17. Pedro Flor

'Dar água pela barba': algumas notas sobre a figura do Judeu nos Painéis de S. Vicente

18. Carlos Castilho Pais

Judeus e 'línguas' – pai e filho ao serviço dos portugueses no Oriente

19. Teresa Campos Coelho

Alguns aspectos da Nobreza do *Portugal Restaurado* intuídos a partir de um manuscrito de João Nunes Tinoco (c.1616-1690)

20. Paulo Oliveira Ramos

Fialho de Almeida: um patrimonialista singular

21. José das Candeias Sales

José de Souza Larcher e Sua Alteza o Khediva Abbas Hilmy II – Memória ilustrada sobre a construção de um sistema de ponte-barragem no Nilo (1898)

22. Mário Avelar

História, memória e autobiografia. Uma leitura de *Robles, Duelo al Sol*, de Sonia Tercero Ramiro

23. Carla Aurélia de Almeida

A Língua Portuguesa em (inter)ação: mecanismos de mitigação e *envolvimento conversacional*

24. Ana Pinto Moura

Adesão às escolhas alimentares saudáveis: intervenção dos fatores psicológicos modificáveis

25. Hermano Carmo

A educação num quotidiano instável: desafios e trilhos de intervenção

26. Ana Nobre

Elementos de um trabalho bem feito: a arte de ser professor

Tábula Gratulatória

PALAVRAS PRÉVIAS

Cada percurso individual tem a sua “impressão digital”, única e indelével.

O percurso multifacetado da Professora Maria José Ferro Tavares sempre me surpreendeu pela intensidade, diversidade e relevância das suas atividades no seio da Academia e, sobretudo, pela ética e firmeza das suas convicções e a forma assertiva como as defendia.

Foi na e para a universidade pública que fez a sua carreira universitária. Do ensino à gestão académica, da investigação científica à produção editorial, são inúmeras as atividades que testemunham uma enorme vontade de aprender, uma vigorosa consciência crítica e uma inabalável crença no valor intelectual do ensino da História para explicar a importância do respeito pelo outro e a compreensão da função do indivíduo na sociedade.

A Professora Maria José Ferro Tavares é uma Historiadora de renome nacional e internacional e são inúmeras as evidências e testemunhos que atestam e validam tão justo atributo, mas que aqui não irei enumerar.

Cabe-me, sim, lembrar algumas das “memórias” e ensinamentos que guardo dos vários anos em que tive o privilégio de trabalhar ao seu lado.

Sempre me impressionou a intensidade e o entusiasmo que dedicava ao estudo e à investigação da História, em particular a diáspora dos judeus e cristãos-novos, as questões relacionadas com a evolução das técnicas e o seu impacto na sociedade portuguesa ou as dinâmicas sociais e culturais em Portugal.

Apesar da Professora ter conhecimento de que a História não era Ciência pela qual sentia particular “atração”, relembro frequentemente as várias ocasiões em que me falava do seu trabalho de investigação, com a segurança e emoção que lhe eram tão características.

Em várias ocasiões, aproveitava o final de uma reunião de trabalho ou um qualquer outro momento para tentar convencer-me que a História, à semelhança da Química, era uma área do conhecimento apaixonante. Para me estimular e despertar curiosidade, partilhava comigo artigos, livros ou referências bibliográficas.

Professora, apesar da minha renitência, com o seu entusiasmo e perseverança aprendi acima de tudo que a História, para além de contribuir para uma compreensão mais profunda de aspetos cruciais do passado da Humanidade, é transformadora e vai muito além dos factos, convocando e exigindo do historiador não apenas um olhar analítico, mas também a sensibilidade, capacidade e competência para dialogar, estabelecer pontes, cruzar e integrar conhecimentos multidisciplinares.

Por estes ensinamentos e memórias de natureza mais pessoal, que preservo e revisito, sinto-me muito grata.

Vanguardista em termos de gestão académica, sob a sua liderança a Universidade Aberta chegou aos países lusófonos e reafirmou a sua função humanista e transformadora da sociedade, expandindo a oferta educativa de graduação, estabelecendo várias parcerias e protocolos de colaboração com diferentes instituições de ensino nacionais e estrangeiras e organizações da sociedade civil e promoveu o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação.

A sua intenção de ampliar a área de intervenção da UAb, resultou numa “manifestação de interesse” de grande relevância pessoal e profissional, ao nomear-me pró-reitora para a Cooperação com os Países de Expressão Portuguesa.

Mais uma vez, só posso manifestar a minha gratidão à Professora Maria José pela confiança que em mim depositou e, simultaneamente, pelo desafio lançado: iniciar os primeiros contactos para a criação de parcerias e projetos de cooperação com várias instituições de ensino superior de Cabo Verde, Angola, Moçambique e Timor-Leste.

Nesse cargo, sob o olhar atento da Professora Maria José, ganhei experiência, aprendi a melhor gerir expectativas e tensões, a pensar e avançar para novos desafios.

Durante o tempo em que integrei a equipa reitoral da Professora Maria José, pude trabalhar em prol da democratização da educação e difusão do conhecimento e contribuir para a afirmação do Ensino a Distância fora das nossas fronteiras geográficas.

Mas o mais importante deste meu testemunho de homenagem à Professora Maria José é perpetuar o meu grande e sincero reconhecimento por todos os ensinamentos, dos princípios éticos que presidiam às decisões, à postura firme e franca, por vezes pertinaz e absoluta, que caracterizam a sua Pessoa, o seu Agir e a sua Escrita.

Carla Padrel de Oliveira
Reitora da Universidade Aberta

Carla Aurélia de ALMEIDA
ID: 0000-0003-1682-5106
[UAb / IS – UP]
calmeida@uab.pt

RESUMO

No quotidiano, os interlocutores põem em prática mecanismos linguístico-discursivos que contribuem para o trabalho colaborativo, isto é, para a *coconstrução do sentido* e o *envolvimento conversacional*. Os interactantes acionam um sistema de práticas discursivas, de convenções sociais e de regras de procedimento discursivo que organizam o fluxo temático das interações verbais. No presente texto, teremos como enfoque analítico as sequências humorísticas que ocorrem, regularmente, no discurso oral interativo em Língua Portuguesa. Demonstrar-se-á que o humor constitui uma estratégia de mitigação do conflito que os interlocutores acionam com o objetivo de manter e restabelecer a *ordem interacional* das trocas discursivas. Verificar-se-á que o funcionamento dos mecanismos indiretos da significação, característicos do discurso humorístico, permite aos interactantes distanciarem-se do que é dito com a reorientação dos rumos discursivos.

Palavras-chave: Linguística Interacional; mitigação; envolvimento conversacional.

ABSTRACT

In everyday life, speakers put into practice linguistic and discursive mechanisms that contribute to collaborative work, i.e. the co-construction of meaning and conversational involvement. Interactants activate a system of discursive practices, social conventions and rules of discursive procedure that organize the thematic flow of verbal interactions. In this paper, we will focus on humorous sequences that regularly occur in interactive oral discourse in Portuguese. It will be shown that humor is a strategy for mitigating conflict that interlocutors use to maintain and re-establish the interactional order of discursive exchanges. It will be verified that the functioning of indirect mechanisms of meaning, characteristic of humorous discourse, allows the interactants to distance themselves from what is being said by reorienting the discursive paths.

Keywords: Interactional Linguistics; mitigation; conversational involvement.

1. INTRODUÇÃO

No quotidiano, em contextos institucionais e mundanos, os usos *humorísticos*, juntamente com os risos, permitem ao locutor anti-orientar ameaças potenciais na comunicação: verificamos que, na *representação da vida de todos os dias* (Goffman, 1973), nas interações verbais, as sequências humorísticas são, regularmente, estratégias discursivas mitigadoras (ou atenuadoras) das ameaças da face dos interlocutores (Goffman, 1973)¹. Estas sequências humorísticas que irrompem nas interações do quotidiano apresentam mecanismos de mitigação que a Língua Portuguesa tem à sua disposição para atingir a eficácia interacional da comunicação, visando a futura acomodação intersubjetiva (Fonseca, 1996). A propósito dos usos humorísticos, Ricardo Araújo Pereira, a 7 de julho de 2016, no Brasil, aquando do lançamento do seu livro intitulado “A doença, o sofrimento e a morte entram num bar. Uma espécie de manual de escrita humorística” (edições da Tinta da China), disse o seguinte: “O que me interessa é o que o humor faz do ponto de vista filosófico. É uma estratégia para aguentarmos a dureza do mundo”. Compreendemos que o riso nasce de um cálculo interpretativo de um implícito conversacional: “De acordo com a teoria da incongruência, rimos quando percebemos um desfasamento entre aquilo que esperamos que as coisas sejam e aquilo que elas são realmente” (Pereira, 2016: 18).

Do ponto de vista linguístico-discursivo, o humor constitui uma estratégia discursiva que os interactantes têm à sua disposição para poderem lidar com dilemas no quotidiano, rompendo ou transgredindo com o que os autores da Pragmática Linguística, como John Austin (1962) e John Searle (1979), chamam de *convenção* da linguagem, jogando com os cálculos do implícito conversacional através da violação de “convenções de uso” (Morgan, 1978) prototípicas da Língua para subentender outras interpretações no jogo verbal (Goffman, 1974a). Assim, é frequente que os interactantes brinquem com “convenções de uso”, como a clássica sequência discursiva humorística: “Queria um café, por favor!”/ “Queria? Já não quer?” (risos).

Lembremos a este propósito o trabalho de Margarida Mouta sobre as estratégias humorísticas, trabalho aplicado ao Português Língua Não Materna (trabalho intitulado “Os jogos de linguagem e a aquisição de uma ‘competência humorística’ em PLE”), para verificarmos que as sequências humorísticas têm por base aquilo que a Autora chama de “(...) simbiose entre *transgressão* e *cooperação*” (Mouta, 2007: 79): “(...) o locutor humorista convida o interlocutor a seguir o seu jogo (...). Daí que, no convite tácito feito ao interlocutor (...), o locutor humorista convoque (...) a cumplicidade, a capacidade de inferência, a atenção aos pressupostos e subentendidos, a mobilização dos universos de referência que com ele partilha” (Mouta, 2007: 79).

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO: *CORPORA* ORAIS E OBJETO DE ANÁLISE

Do ponto de vista linguístico, afigura-se-nos pertinente dar continuidade à pesquisa sobre as relações estreitas entre o humor e a realização de mecanismos linguístico-discursivos da mitigação com base em *corpora* orais diversificados. Para o tentar comprovar, o presente texto tem por objeto *corpora orais*: i) conversas na rádio em Português Europeu (Almeida, 2005; Almeida, 2010; Almeida, 2012a; Almeida, 2014a; Almeida, 2021), *corpus* extenso merecedor de renovada atenção científica; ii) *corpus* oral de entrevistas de investigação (Almeida, 2012b; Almeida, 2014b; Almeida, 2015; Almeida, 2019) e iii) *corpus* de exemplos em Português Europeu (PE) de sequências humorísticas realizadas por humoristas portugueses.

Com base neste material empírico, tendo como enfoque analítico o funcionamento dos mecanismos de mitigação que ocorrem em contextos interacionais diversificados, à luz de uma perspetiva sintático-semântica e pragmática de análise dos fenómenos linguísticos, analisaremos os *mecanismos*

¹ O presente texto retoma, com adaptações, a intervenção efetuada pela autora no âmbito das Comemorações do Dia Mundial da Língua Portuguesa, realizadas no dia 6 de maio de 2024 na Universidade Aberta.

de *mitigação* presentes nas sequências humorísticas que possibilitam o cálculo de inferências e a transgressão das convenções de uso. Verificaremos que, em diversas fases da conversação, os interlocutores realizam estratégias humorísticas que constituem estratégias discursivas de mitigação do conflito (potencial), evitando que os participantes se sintam ameaçados por mais tempo nas suas faces (“face work”, segundo Goffman, 1974a), restabelecendo, discursivamente, o “equilíbrio interacional” (Norrick & Spitz, 2008).

A análise linguística do humor com os risos permite equacionar a relação entre mitigação e processos linguísticos de indireção, demonstrando-se que os mecanismos indiretos de significação, característicos do discurso humorístico, permitem aos interactantes distanciarem-se do que é dito com a reorientação dos rumos discursivos: trata-se de verificar como estas sequências organizam a *sintagmática conversacional* e, do ponto de vista semântico e pragmático, como elas possibilitam a coconstrução do sentido com o equilíbrio interacional, na linha dos estudos da chamada Pragmática Integrativa (Haugh & Culpeper, 2018).

Considerando que a *mitigação* constitui uma forma de redução de efeitos indesejados que atos ilocutórios possam ter nos interlocutores, modificando estes atos (Fraser, 1980: 341), as diferentes formas de mitigação são estratégias que atenuam e/ou suavizam: i) ora o conteúdo proposicional de um ato de discurso, ii) ora incidem na ilocução tanto internamente, na força ilocutória de um ato (Fraser, 2010: 15), ou, externamente, nas sequências discursivas como as justificações ou as pré-sequências, iii) ora incidem na *deixis* (Caffi, 1999), referência deíctica estabelecida pelas coordenadas da enunciação, organizadas pela relação locutor e alocutário, possibilitando a distanciação do locutor em relação ao que é dito, evitando riscos desnecessários e responsabilidades, incluindo aqui o estudo dos “protetores de plausibilidade”, como, por exemplo, “penso que”, “parece-me que” e os “protetores de atribuição” como “dizem que”, “faz-se” e construções impessoais como “uma pessoa” através das quais as referências ao locutor e ao alocutário são apagadas (Caffi, 1999: 89; Caffi 2007; Almeida, 2019).

O enfoque teórico e metodológico do presente trabalho tem, assim, por base as contribuições da Linguística Interacional (Heller, 2001, p. 261) e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 2001), integrando conceitos, instrumentos de análise e problemáticas linguísticas desenvolvidas em diferentes correntes teóricas.

O desenvolvimento da análise implica, assim, a formulação das seguintes perguntas de partida: Como funcionam as sequências humorísticas nas interações? Quais os mecanismos de mitigação (Fraser, 2010; Caffi, 2007) realizados nos discursos humorísticos?

3. A ESTRATÉGIA CONVERSACIONAL DO HUMOR NA INTERAÇÃO: MECANISMOS DE MITIGAÇÃO AO SERVIÇO DA ACOMODAÇÃO INTERSUBJETIVA

Procurando potenciar respostas para estas perguntas, a análise toma por referência os *corpora* orais em Português Europeu (PE), anteriormente referidos.

Considerando o enquadramento teórico e metodológico apresentado sucintamente, o presente estudo pretende ser um contributo para a análise dos mecanismos de mitigação em sequências humorísticas. Convoca-se, assim, o estudo de um conjunto de aspetos linguístico-discursivos: (i) a cooperação e o conflito que coexistem em toda a interação verbal, uma vez que os atos de discurso variam em grau de maior ou menor ameaça da face (Kerbrat-Orecchioni, 2005); (ii) a relação entre mitigação (Caffi, 2007) e os efeitos interacionais de *vagueza*, *delicadeza* e *distanciação* (Fraser, 2010) ao serviço da transgressão em sequências humorísticas.

3.1. A MITIGAÇÃO QUE INCIDE NO CONTEÚDO PROPOSICIONAL DA ASSERTÇÃO HUMORÍSTICA: EFEITOS DE VAGUEZA

Os mitigadores podem incidir, internamente, no conteúdo proposicional de atos ilocutórios de asserção, criando efeitos de vagueza, como podemos observar no seguinte exemplo retirado de uma entrevista de investigação no Vale do Ave:

(1) Entrevista no Vale do Ave, 16 de julho 2010, às 19h30; na residência da entrevistada; E: entrevistadora; e: entrevistada

E: Era isso que eu lhe ia... Então ensinou a sua filha, ou ensinou-os a todos ou.... Então ensinou à sua filha as tarefas domésticas?

e: Ensinei-os a todos, mas... o rapaz aprendeu um bocadito mal. (risos)

E: As coisas que sabemos! (risos) É verdade e agora diga-me, portanto, atualmente, está reformada? Como é a sua rotina diária? Descreva-me por exemplo um dia à semana, as tarefas todas que faz durante o dia. Portanto, levanta-se mais ou menos a que hora é que acorda?

e: Levanto-me com o sol.

E: Pois

Na interação (1), a entrevistada profere a seguinte asserção: “Ensinei-os a todos, mas... o rapaz aprendeu um bocadito mal [as tarefas domésticas]. (risos)”.

O uso do mitigador “um bocadito”, mitigação que incide no conteúdo proposicional (mitigação interna), constitui um marcador de *vagueza*, isto é, trata-se de “um diminutivo na marcação de *imprecisão (fuzziness)*” (Caffi, 2000: 96, tradução própria), reduzindo as obrigações epistémicas do locutor que os realiza e assim reduzindo o grau alto da qualificação negativa a dar à inaptidão do filho da entrevistada para as tarefas domésticas, tendo, por isso, efeitos humorísticos, implicando-se com o mitigador (que coocorre com o riso) o inverso do que é dito: “aprendeu muito mal as tarefas domésticas”. Daí que a entrevistadora faça um comentário avaliativo com um termo vago: o enunciado “As coisas que sabemos! (risos)” constitui um comentário avaliativo que, juntamente com os risos, expressa também a vagueza.

Observemos agora uma outra interação:

(2) Programa de rádio: Boa Noite, novembro de 1998; Tema: “O piropo”; Ouvinte nº. 460, sexo feminino, técnica de vendas

Ouvinte – Senti-me envergonhada, enfim cabisbaixa, e... Pronto não dei confiança, mas no momento em que eles se iam a cruzar comigo diz um pra o outro assim, com pronto uma frase muito com muita entoação: “e ainda dizem que as flores que não andam”. Pronto, realmente ia um pouquinho arranjada (riso)...

Locutora – Elegante, hã.

Na interação (2), vemos que, no enunciado “ia um pouquinho arranjada” (risos), o uso do mitigador “um pouquinho” permite que a mitigação incida no conteúdo proposicional do ato de autoelogio, cumprindo com a lei da modéstia e evitando o autoelogio exagerado, tendo efeitos humorísticos, pela implicatura conversacional (Grice, 1975) que é possível calcular, implicando-se, assim, o inverso do que é dito: “ia muito bem arranjada”.

3.2. A MITIGAÇÃO QUE INCIDE NA *DEIXIS*: PROTETORES DE ATRIBUIÇÃO E DE PLAUSIBILIDADE COM O USO DE EXPRESSÕES APROXIMATIVAS

No exemplo (2), há também o uso do *protetor de distanciação* e/ou *desresponsabilização* que incide na *deixis*. Verifica-se o uso de “dizem que” no enunciado “Ainda dizem que as flores não andam” permitindo a distanciação ou redução da responsabilidade do locutor ao atribuir a crença a outras

peçoas, a outras vozes do discurso. Este protetor coocorre com o uso do marcador discursivo “ainda” que possibilita o cálculo interpretativo de uma implicatura convencional que denota o contrário do que é dito: “afinal não é verdade, as flores andam”. Deste modo, o uso de “dizem que” faz parte de um mecanismo de mitigação que incide na *deixis* ou *referência deítica*: “dizem que” constitui um *protetor de atribuição* (Caffi, 2007) que permite o distanciamento/desresponsabilização do locutor. O locutor humorista convida o interlocutor a seguir o seu jogo, trata-se de um acordo tácito, que permite convocar a cumplicidade, a capacidade de inferência. A este propósito do uso do protetor de atribuição que incide na enunciação e do uso de mitigadores que se focam no conteúdo proposicional, o humorista Ricardo Araújo Pereira, no seu programa “Dizem que é uma espécie de Magazine”, convoca o protetor de atribuição “dizem que” que incide na *deixis* e o mitigador “uma espécie de” que incide no conteúdo proposicional, o primeiro desresponsabiliza o locutor e o segundo cria vagueza/indeterminação.

Atentemos neste outro exemplo:

(3) Programa de rádio: Boa Noite; Data: 22/04/98; Tema: “Pequenos anúncios de jornal”; Ouvinte nº. 181, sexo feminino

Ouvinte – Hoje já estou com sessenta e três anos, mas dizem que eu tenho uma carinha muito engraçada.

Locutora – Que bom pra si. [risos]

Ouvinte – E as minhas colegas, na brincadeira, diziam-me por que é que tu e tal não arranjas tu tão jeitosa tão boa rapariga e tal, por que é que não arranjas! Eh pá, eu tive uma... uma fraca experiência, uma má experiência, e um mau...

Em (3), o uso de protetores como “dizem que” permite atribuir a crença a outra pessoa: “Dizem que eu tenho uma carinha muito engraçada” trata-se de um *protetor de atribuição* (Caffi, 2007: 70) que permite o distanciamento e a desresponsabilização do locutor, tendo efeitos humorísticos. Estamos perante um mecanismo que, incidindo na *deixis*, atribui a outros locutores a realização destes atos de discurso, citando-os. Daí o riso que provoca com a asserção avaliativa que acomoda intersubjetivamente o que está a ser relatado: “Que bom pra si. [risos]”. O recurso a *expressões aproximativas* como “e tal” integradas nos segmentos em discurso direto: “E as minhas colegas, na brincadeira, diziam-me por que é que tu e tal não arranjas tu tão jeitosa tão boa rapariga e tal, por que é que não arranjas!” são também formas aproximadas de relatar algo que aconteceu: como “(ser) tão jeitosa tão boa rapariga e tal”: “e tal”, neste contexto, implica uma asserção avaliativa geral que resume todas as expressões atributivas. O valor semântico de vagueza de “e tal” tem efeitos humorísticos: a propósito do uso de expressões mitigadoras aproximativas, lembremos “O tal canal” de Herman José (“adoro os teus botões/e etecetera e tal”) ou as falas da personagem “O Homem a quem parece que aconteceu não sei quê” de Ricardo Araújo Pereira, que usando uma linguagem vaga (“é que eu chego aqui e sou logo confrontado com certas e determinadas situações!”) refere “ai tal não, ai tal não”, repetindo as expressões aproximativas.

Também o uso repetido de protetores de plausibilidade como “parece-me”, “dá-me a sensação”, “penso que”, “suponho” são expressões de isenção epistémica que provocam o humor, como se pode observar na seguinte interação humorística do programa do Gato Fedorento:

(4) Programa humorista: Gato Fedorento; Tema: “Um pouco de parvoíce em torno de sinónimos”:

Entrevistado – Foi uma descoberta que eu efetuei e que...parece-me...

Entrevistador – Parece-lhe ou dá-lhe a sensação?

Entrevistado – Não, parece-me. Parece-me que é uma descoberta importante na medida em que permite...

No exemplo (4), o uso reiterado de expressões mitigadoras sinónimas, como os diversos protetores de plausibilidade que fazem parte do reportório verbal de um falante, reforça a preocupação de o locutor

denotar o distanciamento ou a redução da sua responsabilidade em relação ao que é dito. De acordo com Tannen (1989), o humor é regularmente construído com a repetição de segmentos, repetição que denota o *envolvimento conversacional* (Tannen, 1989; Norrick, 2010).

3.3. A CONSTRUÇÃO DE UM *SCRIPT* OU *FRAME* HUMORÍSTICO: A MITIGAÇÃO DA ILOCUÇÃO

A construção de um *script* humorístico (Dascal, 1999: 69) obedece a uma ordem sintagmática na conversação, incidindo, regularmente, na mitigação da ilocução através da realização de sequências discursivas de comentário avaliativo e de justificação.

Observemos o seguinte exemplo:

(5) Programa de rádio: Boa Noite; Tema: “Pontualidade”; Data: maio de 1998; Ouvinte nº. 70, sexo feminino

Locutora: Tá certo. Olhe, não há nada a fazer, definitivamente.

Ouvinte: É, é só o tempo, só o tempo. Mas eu tento.

Locutora: Ainda bem que isso não é hereditário pelos vistos, ó C! [ato de ironia]

Ouvinte: Olhe mas eu tento, mas está a ver, eu para realmente estar em conversa com... com com vocês, não é, amanhã a que horas é qu’eu me vou levantar? [justificação como comentário de mitigação (externa)]

Locutora: Pois.

Ouvinte: É não é?

Locutora: Agora a culpa é nossa.

Ouvinte: Ai, não sei (...) (risos).

Na interação sobre o tema da pontualidade (5), ocorrem asserções avaliativas com a expressão da modalidade apreciativa de valor genérico: o enunciado “Ainda bem que isso [= não ser pontual] não é hereditário pelos vistos, ó C.” constitui um comentário avaliativo humorístico que conclui o que é relatado e se baseia no uso de referentes vagos “isso” e mitigadores, como “pelos vistos”. Estes mitigadores, associados ao *frame* (Goffman, 1974b) de que não ser pontual pode ser uma doença, mas que não se transmite por hereditariedade, permitem a construção de uma sequência humorística com a realização de outras sequências mitigadoras: as sequências de justificação (a ouvinte culpa o programa noturno para a sua falta de pontualidade), que constituem mitigadores externos da ilocução, seguidas do ato de acordo irónico “Pois” com a função de distanciação (= diz isso que eu faço de conta que acredito nisso) e dos atos de ironia – “Agora a culpa é nossa (risos)” e “Ai, não sei (...) (risos)” – constituem processos discursivos de indireção, isto é, mecanismos indiretos de significação que possibilitam aos interactantes distanciarem-se do que é dito com a construção de um espaço colaborativo de partilha.

4. CONCLUSÃO

As sequências humorísticas apresentam mecanismos de mitigação que (i) possibilitam a redução da responsabilidade epistémica do locutor em relação ao que é dito no conteúdo proposicional de atos ilocutórios, criando vagueza; ii) modificam/atenuam a força de ilocução (Fraser, 1980; Fraser, 2010) com um *frame* humorístico (mitigação interna de atos indiretos e mitigação externa com justificações e comentários avaliativos); (iii) incidem na *deixis ou referência deítica* com o uso de *protetores de plausibilidade* (como expressões de isenção epistémica como “se não estou enganado”) e *de atribuição* (expressões genéricas que atribuem a crença a outras pessoas como “Dizem que...”; construções passivas como “Diz-se...” e construções impessoais como “Uma pessoa” através das quais as

referências ao locutor e ao alocutário são apagadas).

Estes mecanismos de mitigação possibilitam a distanciação do locutor, a sua desresponsabilização e a reorientação dos rumos discursivos da interação com a *acomodação intersubjetiva* das faces dos interlocutores, denotando o envolvimento conversacional dos interactantes no jogo verbal.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, CARLA (2005) – *Discurso radiofónico Português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas (tese de doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa)*. Tomo I, II e III. Universidade Aberta, Lisboa.
- ALMEIDA, CARLA (2010) – “(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)”: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interacções verbais na rádio. In BRITO, Ana; SILVA, Fátima; VELOSO, João & FIÉIS, Alexandra (eds.). *Textos seleccionados, XXV encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 127-142.
- ALMEIDA, CARLA (2012a) – *A construção da ordem interaccional na Rádio: Contributos para uma análise linguística do discurso em interacções verbais*. Porto: Afrontamento, Biblioteca das Ciências Sociais/Plural.
- ALMEIDA, CARLA (2012b) – “Que eu já nasci em Riba de Ave. (...) Sempre me conheci aqui em Riba de Ave (risos)”: a coconstrução do sentido em narrativas de experiência de vida no Vale do Ave.” In PEREIRA, Virgílio (ed.). *Ao Cair do Pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave*. Porto: Afrontamento, pp. 417-445.
- ALMEIDA, CARLA (2014a) – Rituais verbais, envolvimento conversacional e ordem interaccional: a construção de trocas discursivas em programas de rádio. *Cadernos de Ciências Sociais*, 27. Porto: Afrontamento, 93-130.
- ALMEIDA, CARLA (2014b) – O uso estratégico do ato de asserção num corpus de ‘histórias de vida’ realizadas em contexto de entrevista. In MORENO, António; SILVA, Fátima; FALÉ, Isabel; PEREIRA, Isabel & VELOSO, João (eds.). *Textos seleccionados, XXIX encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística em Coimbra*. Porto: APL, pp. 29-42.
- ALMEIDA, CARLA (2015) – Estratégias discursivas de mitigação na sequência discursiva de pergunta-resposta: a justificação no contexto de entrevista. In MORENO, António; SILVA, Fátima & VELOSO, João (eds.). *Textos seleccionados, XXX encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística no Porto*. Porto: APL, pp. 65-76.
- ALMEIDA, CARLA (2019) – Discourse strategies of mitigation in an oral corpus of narratives of life experience collected in interviews. In ROULSTON, Kathryn (ed.). *Interactional studies of qualitative research interviews*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 239-268.
- ALMEIDA, CARLA (2021) – A construção do sentido em interacções verbais na rádio em Português Europeu: mecanismos discursivos em narrativas de experiência de vida, *Linha D’Água*, 34(1). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 44-59. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v34i1p44-59>
- AUSTIN, JOHN (1962) – *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press.
- CAFFI, CLAUDIA (2000) – Aspects du calibrage des distances émotives entre rhétorique et psychologie. In PLANTIN, Christian; DOURY, Marianne; TRAVERSO, Véronique (eds.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 89-104.
- CAFFI, CLAUDIA (2007) – *Mitigation*. Amsterdam: Elsevier.
- DASCAL, MARCELO (1999) – L’ethos dans l’argumentation: une approche pragma-rhétorique. In AMOSSY, Ruth (eds.) *Images de soi dans le discours. La construction de l’ethos*. Paris: Delachaux et Niestlé, pp. 61-73.
- FONSECA, JOAQUIM (1996) – O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo – o Diálogo I, *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Línguas e Literaturas*, Vol. XIII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 87-145.
- FRASER, BRUCE (1980) – Conversational mitigation. *Journal of Pragmatics*, 4 (4). Amsterdam: Elsevier, 341-350.
- FRASER, BRUCE (2010) – Pragmatic competence: the case of hedging. In KALTENBÖCK, Günther; MIHATSCH, Wiltrud & SCHNEIDER, Stefan (eds.). *New approaches to hedging*. Bingley: Emerald Group Publishing, pp. 15-34.
- GOFFMAN, ERVING (1973) – *La mise en scène de la vie quotidienne* (Vol. 1, 2). Paris: Les Éditions de Minuit.
- GOFFMAN, ERVING (1974a) – *Les rites d’interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- GOFFMAN, ERVING (1974b) – *Frame analysis*. New York: Harper and Row.

- GRICE, HERBERT (1975) – Logic and conversation. In COLE, Peter & MORGAN, Jerry (eds.). *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, pp. 41-58.
- GUMPERZ, JOHN (2001) – Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah & HAMILTON, Heidi (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/ Massachusetts: Blackwell, pp. 215-228.
- HAUGH, MICHAEL, CULPEPER, JONATHAN (2018) – Integrative pragmatics and (im)politeness theory. In ILIE, Cornelia & NORRICK, Neal (eds.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 213-239.
- HELLER, MONICA (2001) – Discourse and interaction. In SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah & HAMILTON, Heidi (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/ Massachusetts: Blackwell, pp. 250-264.
- KERBRAT-ORECCHIONI, CATHERINE (2005) – *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin.
- MORGAN, JERRY (1978) – Two types of convention in indirect speech acts. In P. Cole (Ed.), *Syntax and semantics*, vol. 9, Pragmatics. New York: Academic Press, pp. 261-280.
- MOUTA, MARGARIDA (2007) – Os jogos de linguagem e a aquisição de uma 'competência humorística' em PLE. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 2 (1). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 77-102.
- NORRICK, NEAL & SPITZ, ALICE (2008) – Humour as a resource for mitigating conflict in interaction. *Journal of Pragmatics*, 40. Amsterdam: Elsevier, 1661-1686.
- NORRICK, NEAL (2010 [2000]) – *Conversational narrative. Storytelling in everyday talk*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- SEARLE, JOHN (1979) – *Expression and meaning, studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TANNEN, DEBORAH (1989) – *Talking Voices: Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

OUTRAS FONTES

- JOSÉ, HERMAN (1983-1984) – Programa televisivo “O tal canal”, <https://arquivos.rtp.pt/programas/o-tal-canal/>
- PEREIRA, RICARDO (2003) – “O Homem a quem parece que aconteceu não sei quê”, sketch do Gato Fedorento <https://youtu.be/tkMENMyLzFE?si=H5cL4N9gNoLakFkQ>
- PEREIRA, RICARDO (2003) – “Parvoíce em torno de sinónimos”, Gato Fedorento, <https://youtu.be/8gumwImdYwU?si=mev6JXQ8qkP-R3MP>
- PEREIRA, RICARDO (2016) – *A doença, o sofrimento e a morte entram num bar. Uma espécie de manual de escrita humorística*. Lisboa: Edições Tinta da China.